SUPERIOR GERAL
CONGREGAÇÃO DOS SACERDOTES
DO CORAÇÃO DE JESUS
Dehonianos

Prot. N. 0130/2013

Roma, 20 de Maio de 2013

Servidores da reconciliação
Carta por ocasião da festa do Coração de Jesus de 2013

Introdução

As nossas Constituições, no número 7, caraterizam a nossa vocação e missão com profecia de amor e serviço de reconciliação: *"O Padre Dehon espera que os seus religiosos sejam profetas do amor e servidores da reconciliação dos homens e do mundo em Cristo".*

Esta afirmação inspira-se no que o apóstolo Paulo afirma ser sua missão apostólica: *"Tudo isto vem de Deus, que nos reconciliou consigo por meio de Cristo e nos confiou o ministério da reconciliação.Pois foi Deus quem reconciliou o mundo consigo, em Cristo, não imputando aos homens os seus pecados, e pondo em nós a palavra da reconciliação. É em nome de Cristo, portanto, que exercemos as funções de embaixadores e é Deus quem, por nosso intermédio, vos exorta. Em nome de Cristo suplicamo-vos: reconciliai-vos com Deus"* (2Co 5,18-20).

Este tema, que escolhemos para a carta deste ano por ocasião da festa do Coração de Jesus, continua a reflexão sobre os fundamentos da nossa espiritualidade, e insere-se neste ano dedicado pela Igreja à fé. *Profetas do amor e servidores da reconciliação* não é apenas um slogan interessante. Ele conduz-nos ao centro do projeto de Deus, da vida da Igreja, do anúncio do Evangelho e das expetativas da humanidade.

A reconciliação faz alusão a um mundo de perdão, acolhimento e harmonia, mas insere-se na realidade do afastamento, desunião, injustiça e conflito que se encontram nas relações humanas a todos os níveis. Não podemos ignorar o consenso que cresce sobre a dignidade da pessoa humana e dos seus direitos fundamentais, como também o desenvolvimento da responsabilidade em relação aos frágeis equilíbrios ecológicos em que se apoia a vida. Por outro lado, não passa despercebido a ninguém a gravidade das injustiças e das explorações que condenam à miséria milhões de pessoas inocentes, como também os conflitos e as guerras que ameaçam a existência de toda a humanidade.

No texto de Paulo, a realidade negativa não se limita às relações entre as pessoas e destas com a natureza. Ela manifesta o afastamento de Deus e do seu projeto. Por isso, a dimensão fundamental da reconciliação é a de reaproximar a pessoa de Deus e transformá-la, permitindo renovar todas as outras relações. Paulo, com efeito, começa este texto a dizer: *"O amor de Cristo nos impele!"* (2Co 5,14). É à luz do amor de Deus revelado em Cristo e do seu

Via Casale di San Pio V, 20
00165 – Roma
ITALIA
*Tel.: (39) 06.660.560 * Fax: (39) 06.660.56.317*
E-Mail: secgen@dehon.it
www.dehon.it

projeto de salvação que se pode perceber a dimensão e a natureza do pecado, como também o caminho da reconciliação.

Esta realidade está muito presente na espiritualidade do Coração de Jesus que o P. Dehon nos deixou em herança carismática. Ele leva-nos a contemplar o projeto de amor de Deus, que permite dar-nos conta da realidade do mal e da possibilidade de reparação e de reconciliação. É isto que o P. Dehon propunha com o seu desejo de *instaurar o Reino do Coração de Jesus nas almas e nas sociedades.*

1. Deus ama um mundo ferido pelo pecado e pela morte

Falar de reconciliação, como fazem Paulo ou as nossas Constituições, significa ter em conta o bem e o mal presentes na realidade humana. É preciso confrontar-se com ideias, processos, sistemas e atitudes que contribuem para a vida e a felicidade das pessoas e da sociedade; mas não é preciso esquecer as realidades que danificam e destroem a harmonia, o entendimento e a vida a nível individual e social. Contrariamente a outras perspetivas sobre o mundo, a tradição judeo-cristã não vê estas duas dimensões como uma luta cósmica entre duas forças antagónicas, dois poderes em confronto no universo e na história. Deus é o único Senhor do universo e de tudo quanto provém do seu poder e da sua providência de Criador. ***O olhar de Deus sobre o mundo declara-o "bom"***. Não há uma criatura ou um mundo que sejam objeto do ódio de Deus ou estejam fora do seu poder, também quando alguém se pensa ou declara seu inimigo. A perspetiva bíblica sobre o mundo é fundamentalmente positiva: Deus ama e cuida das suas criaturas, particularmente dos seres humanos.

Apesar desta perspetiva amorosa, a tradição judeo-cristã não coloca a realidade cósmica como um absoluto de bondade e de perfeição ao lado de Deus. ***A consciência do inacabado, da mortalidade, da corrução e do desvio*** estão permanentemente presentes na visão do mundo. A experiência da imperfeição e do mal tem a sua mais dramática expressão na reflexão sapiencial dos textos da criação, que falam de uma situação de pecado desde sempre presente na humanidade. Como reconhece o salmista, todo o ser humano nasce na condição de ser ferido: *Eis que nasci na culpa e a minha mãe concebeu-me em pecado* (Sal 51,7).

O afastamento de Deus e do seu projeto tem ***consequências desastrosas para o próprio homem e para o mundo que habita***. Recusando a Deus, o homem propõe a si mesmo como centro do universo, sem qualquer referência superior que o defenda da sua limitação e fragilidade. Os seus projetos e realizações, apesar da beleza, das capacidades e engenho, são necessariamente dimensionadas segundo uma perceção restrita ao nível existencial, no julgar e no agir. O próprio ideal de fraternidade torna-se órfão porque desprovido da figura do pai/mãe que dê consistência à família humana. Os limites destes projetos estão dramaticamente presentes no abuso da natureza, na apropriação egoísta dos bens, na injustiça e na opressão que põem em risco a própria sobrevivência da humanidade e o ambiente vital do planeta em que habita.

Mais perigosa que a ausência de Deus é a ***manipulação do seu nome***, para o pôr ao serviço dos projetos limitados e megalómanos do homem. É a subversão da relação do Criador com a sua criatura, que gera frequentemente medo, autoritarismo, injustiça, rivalidade e guerras. Essas situações são muito mais difíceis de denunciar e de ultrapassar, porque são apresentadas em nome de Deus e com a sua autoridade, por pessoas com responsabilidade no âmbito religioso. O processo de degeneração do homem começa com a ausência e a deturpação da figura de Deus.

As imagens positivas e negativas da humanidade completam-se na visão de uma realidade cósmica que não está completa e perfeita, e dentro de um ***projeto a desenvolver rumo à plenitude***. O paraíso terrestre não se encontra dentro de nós, num passado perdido, mas diante de nós, como imagem e utopia criativa que orienta o caminho da humanidade. De facto, esta imagem é retomada nas últimas páginas do livro do Apocalipse, na nova Jerusalém e na nova criação. Então, o mal e a corrução são ultrapassados, com o sofrimento, a violência e a morte, a história atinge o seu cumprimento e a humanidade chega à sua plenitude.

Entre estas duas imagens – criação e nova Jerusalém – encontra-se ***a história humana, como história de salvação***. Deus não volta desiludido as costas à imperfeição da sua criação. Acompanha-a com misericórdia e providência, para que possa atingir a feliz meta para a qual a pensou e quis.

É nesta história, muitas vezes complexa e dramática que se insere ***o caminho da reconciliação***. Não se trata apenas de recuperar uma inocência perdida no passado, nem só de "reparar" os danos causados a Deus, às pessoas e à humanidade, mas de criar, nas relações e nas atitudes, as dinâmicas que permitem ultrapassar o mal e a divisão para desenvolver pessoas novas. A reconciliação vai além da simples reparação de uma integridade perdida e dos danos provocados, para criar uma realidade nova e reconciliada.

2. Cristo reconcilia-nos pelo dom do Espírito

Este processo de reconciliação e de plenitude não pode ser unicamente obra do esforço humano, mas baseia-se na iniciativa de Deus. O desejo de paz e os esforços de reconciliação e de colaboração entre os povos são sinais da presença do Espírito de Deus que atua no coração de cada pessoa e em toda a humanidade. Mas ***é em Cristo que encontramos a revelação do amor reconciliador de Deus***, a oferta da comunhão na Sua vida e na possibilidade da construção de uma humanidade nova.

Com a vinda de Cristo ao mundo ***dois aspetos fundamentais*** permitem-nos ver o empenhamento radical de Deus na reconciliação do homem: *a)* a assunção da condição humana, com as suas alegrias, limites e dores; *b)* o dom do Espírito que transforma o ser humano e o torna capaz de comunhão com Deus e de participação numa humanidade renovada.

a) O primeiro aspeto é caraterizado pela vinda de Deus ao mundo como Emanuel, Deus connosco. Em Cristo, Ele torna-se presente na própria realidade do homem pecador,

partilhando a sua débil condição exceto o pecado, até à morte mais ignominiosa na cruz (cf. Fil 2,5-11). Esta ***"desproporcionada solidariedade"*** revela o amor eterno de Deus por nós. Mais nenhuma motivação poderia levar a uma tal atitude: *"É assim que Deus demonstra o seu amor para connosco: quando ainda éramos pecadores é que Cristo morreu por nós... Gloriamo-nos em Deus, por Nosso Senhor Jesus Cristo, por quem agora recebemos a reconciliação."* (Rm 5,8.11).

Na atitude de Jesus para com os fracos e pecadores, vemos que Deus não olha de longe, mas ***toma sobre si os nossos sofrimentos e os desvios da humanidade***, abrindo um caminho de esperança e de vida. Em Jesus, Deus não fica no templo à espera da chegada daqueles que se purificaram, mas encontramo-lo pelos caminhos e nas casas das pessoas. Não tem medo de tocar os leprosos, de se sentar à mesa com os pecadores, de partilhar a sorte dos excluídos, dos condenados e dos que sofrem. Este é o começo do dom da reconciliação: a aproximação, a solidariedade e a partilha com as pessoas, particularmente com as que sofrem. Este é o dom da reconciliação que recebemos gratuitamente e o modelo do serviço que nos é confiado.

b) O segundo elemento é ***o dom do Espírito Santo***. Toda a solidariedade de Jesus, todos os seus milagres e ensinamentos e até na sua morte na cruz não seriam suficientes para curar/reconciliar a humanidade. Só é possível aproximar-se de Deus, fonte da vida, se Ele mesmo oferece o caminho e a força. Esta é a função do Espírito. Jesus incarnou no seio da Virgem Maria pelo poder do Espírito (Lc 1,14) e é apresentado por João como Aquele sobre quem desce o Espírito de Filho e que batizará no Espírito (Lc 3,16). Toda a sua ação é vista como obra do Espírito que repousa sobre Ele e, tendo voltado ao Pai, faz descer sobre os discípulos este mesmo Espírito, para os transformar e tornar capazes de continuar a sua missão (At 1,8). O sinal do Lado trespassado une as duas dimensões que estamos a considerar: a revelação da totalidade do amor de Jesus e o dom do Espírito que criam a nova humanidade (Jo 19,31-38). Este é o começo da verdadeira reconciliação da criatura humana com o seu Criador, do Filho perdido com o Pai que veio procurá-lo, do irmão com toda a família dos que renasceram do mesmo Espírito.

Por isso, ***a reconciliação trazida por Cristo começa com o acolhimento do Espírito***. É o Espírito que transforma cada ser a partir do coração, tornando-o capaz de seguir o projeto de pessoa iniciado por Jesus, em diálogo com o Pai e Criador: *"Vós não recebestes um Espírito que vos escravize e volte a encher-vos de medo; mas recebestes um Espírito que faz de vós filhos adoptivos. É por Ele que clamamos: Abbá, ó Pai!"* (Rom 8,15). Por esta razão não se trata só de recuperar uma inocência perdida no passado, porque este é um dom novo trazido por Cristo. A efusão pentecostal do Espírito é um dinamismo novo para construção da nova humanidade. O programa de Jesus, apresentado na sinagoga de Cafarnaum ecoa como caminho para aqueles que nascem do Espírito: *"O Espírito do Senhor está sobre mim,porque me ungiu para anunciar a Boa-Nova aos pobres; enviou-me a proclamar a libertação aos cativos e, aos cegos, a recuperação da vista; a mandar em liberdade os oprimidos, a proclamar um ano favorável da parte do Senhor"* (Lc 4,18s).

3. Deixar-se reconciliar

À luz destas reflexões compreende-se a urgência do apelo de Paulo no texto que nos orienta: *"Deixai-vos reconciliar com Deus!"* (2Co 5,20). O passivo (*sede reconciliados*), sublinha a iniciativa de Deus, mas soa também como exortativo, pedindo a nossa adesão. É, ao mesmo tempo, dom e convite à experiência fundamental da fé: *"Amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças."* (Dt 6, 5). É esta ***a experiência fundamental do crente***, que se chama conversão ou reconciliação.

Sentir-se amados por Deus ***revoluciona a forma de olhar a si mesmos, os outros e o mundo***. Muda a maneira de ver os próprios limites e faltas, de descobrir a própria dignidade e valor, de aceitar ser pequeno e também fraco, nas mãos de um Pai que é poderoso, bom e misericordioso. É a fonte de nova energia e de nova esperança, que não isola egoisticamente a pessoa, mas a situa numa larga família, para construção de um mundo novo. Neste sentido, a verificação do limite e do mal pode converter-se em experiência de misericórdia e em caminho de esperança.

Deus torna possível esta nova vida, mas não quer (não pode) vivê-la por nós. É este ***o caminho do Coração*** que carateriza a perspetiva contemplativa e ativa da nossa herança carismática. Abrir, curar, purificar, educar e modelar o próprio coração segundo o Coração de Jesus é possível pela ação do seu Espírito em nós. Ele começa com a abertura a Deus que leva a reconciliação consigo mesmo e com a própria história. Mas abre-se também a uma relação cordial com os outros e à participação na construção de uma humanidade reconciliada. Este caminho apoia-se em três pilares: um *coração que escuta*, aberto a Deus e ao murmúrio do Espírito; um *coração fraterno*, capaz de construir comunhão e colaboração com os outros; um *coração solidário*, generosamente sensível ao grito dos mais fracos e à necessidade de reconciliação do mundo.

Na progressiva cura do coração, tem um papel importante ***o sacramento da reconciliação***. Estes encontros não são simples ritos a realizar regularmente, para apagar as culpas do passado ou perdoar as dívidas para com Deus. O encontro sacramental com a misericórdia de Deus tem efetivamente uma dimensão dirigida ao passado das culpas e dos passos errados, mas não pode destruir esse passado e, muitas vezes, nem sequer é capaz de remediar todas as consequências negativas de tais erros. O que pode fazer e libertar-nos do mal que levou à queda, fazer–nos ver as coisas com olhos novos, para que possamos reparar, na medida do possível, o mal feito e construir um futuro novo. Isto faz-nos compreender o sacramento da reconciliação, não como um ato limitado à pessoa, mas como núcleo de um caminho de reconciliação que envolve toda a comunidade, para reparar o mal, reintegrar os pecadores e renovar a vida.

4. O Espírito gera comunidades reconciliadas e reconciliadoras

A reconciliação é sempre um caminho relacional com Deus, com as outras pessoas, com o universo. Um ícone desta harmonia é a família humana. Nela vemos que o amor do pai

e da mãe cria um ambiente de entendimento e de comunhão tal que as imperfeições e as eventuais incapacidades e faltas de cada um são ultrapassadas pelo afeto dos outros. Não é por acaso que Jesus utiliza este modelo para falar da relação entre aqueles que, à volta d´Ele, escutam a sua palavra *"Aí estão minha mãe e meus irmãos!"* (Mc 3,34).

As comunidades cristãs e as nossas comunidades religiosas não se fundamentam na base comum do mesmo sangue, da mesma educação ou identidade cultural, mas na escuta da palavra de Jesus. E Ele quer que elas sejam inspiradas pelo dom da família humana e se deixem regenerar pelo seu Espírito de reconciliação. É esta *a **experiência do Pentecostes*** que deu origem às primeiras comunidades cristãs e continua a gerar vida na Igreja. A reconciliação entre os membros da comunidade é apresentada por Jesus como sinal e distintivo que confirma a pertença ao grupo dos seus discípulos: *" Por isto é que todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros"* (Jo 13,35). No Evangelho não há lugar para uma reconciliação com Deus que não inclua a reconciliação na comunidade. Deus não enviou o seu Filho ao mundo só para nos levar para o céu. Isto é absolutamente verdadeiro, mas, à luz desta meta final, Ele quer transformar a realidade dos seres humanos na terra. Mais ainda: essa transformação faz parte dos sinais do Reino de Deus que tem o seu início na história humana.

Ainda que sempre imperfeitas, as nossas comunidades são ***sinal profético da nova humanidade*** peregrina da reconciliação e da plenitude. O empenho na construção da comunidade é, por isso, tarefa fundamental para aqueles que foram reconciliados em Cristo. Daqui o escândalo do rancor e do ódio entre os que, tendo sido gratuitamente reconciliados por Deus em Cristo, são incapazes de perdoar, de colaborar e de viver como irmãos. Por outro lado, a aceitação e integração das nossas diferenças, a superação das fraquezas e tensões e a composição intercultural e internacional que vivemos na Congregação são concretas expressões da ação reconciliadora do Espírito, segundo o modelo do Pentecostes.

Por outro lado, ***não é preciso confundir a reconciliação com unanimidade e consenso*** de opiniões. Muitas vezes, essas atitudes escondem processos de acomodação, imobilidade, falta de verdade, ou imposições de pessoas ou grupos. A história das primeiras comunidades cristãs recorda-nos que a voz do Espírito é muitas vezes incómoda, mas também criativa. A diferença não deve causar medo, se há estima e amor à verdade na escuta do Espírito.

Numa comunidade jamais perfeita, mas que aceita ser renovada permanentemente pelo Espírito, o perdão e a reconciliação interpessoal devem ser uma constante. A experiência das próprias quedas e da misericórdia de Deus em relação a cada um de nós deve abrir-nos o coração ao perdão dos outros. O testemunho profético das nossas comunidades, não consiste na perfeição do amor – que sempre conhecerá insuficiências – mas no constante empenho no perdão recíproco segundo a cordialidade manifestada nas nossas relações.

A disponibilidade para a comunhão, o respeito e a abertura à diversidade devem, portanto, ser ***elementos fundamentais na nossa formação***. Do mesmo modo, a capacidade de viver em comunidade, de ultrapassar conflitos e rancores para colaborar com os outros devem ser considerados entre os primeiros critérios de discernimento vocacional e do caminho

formativo, como caminho do coração. Assim nos preparamos a ser no mundo servos da reconciliação.

5. Reconciliados ao serviço da reconciliação

Que motivação pode levar uma pessoa a dedicar-se à obra da reconciliação até ao dom da vida? Paulo responde assim: *"O amor de Cristo nos impele, ao pensar que um só morreu por todos*" (2Co 5,14). A consciência do amor de Cristo, que o amou e reconciliou consigo, quando ainda era perseguidor e inimigo, mudou radicalmente a vida de Paulo, e deu-lhe uma nova direção. A partir daquele momento, a sua vida está unida à de Cristo: *"A vida que agora tenho na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus que me amou e a si mesmo se entregou por mim"* (Gal 2,20). De facto, nenhuma outra motivação pode ser suficiente para mover alguém a pôr-se, deste modo, ao serviço da reconciliação.

Por isso, encontramos não poucos equívocos na vida da Igreja e das nossas comunidades. Se alguém entra neste caminho movido por interesses pessoais, pela busca do poder, do lucro ou da própria vaidade, trará muito dano a si mesmo e às comunidades que deveria servir. Por isso se encontram frequentemente pessoas que se dizem consagradas a Deus e que vivem no desencanto e na amargura, irascíveis na relação com os outros, quando não chegam a submetê-las à sua arbitrariedade. Por isso, a cada um dos que querem empenhar-se neste serviço é dirigida a mesma pergunta do Senhor ressuscitado a Pedro, antes de lhe confiar o cuidado dos irmãos: *"Simão, filho de João, amas-me tu?"* (Jo 21). Sem este encontro com o amor de Cristo reconciliador, não há verdadeiro serviço de reconciliação.

No encontro com o amor de Cristo, Pedro e Paulo foram ***reconciliados para reconciliar***. Também eles tiveram de purificar as suas motivações no contato com o Mestre e especialmente com o mistério da sua morte e ressurreição. A experiência da própria fraqueza e do amor curou-os, modelou-os e aperfeiçoou-os para se tornarem embaixadores credíveis da reconciliação de Deus.

É a partir do amor como motivação fundamental que se pode assumir a primeira atitude de reconciliador: a sensibilidade e a escuta diante do sofrimento, da injustiça e do mal. O empenho pela reconciliação começa pelo sentir como seus os sofrimentos e as dificuldades dos outros, independentemente da identidade daquele que tem necessidade. ***Imagem do reconciliador é o bom samaritano*** que não desvia o olhar, não afasta os passos daquele que encontra caído à beira do caminho, mas é capaz de mudar a sua agenda para lhe ir ao encontro.

O olhar de misericórdia não nos permite fechar-nos num pseudo éden de justiça e segurança. A exemplo de Cristo, somos chamados ***a ir ao encontro do mundo que precisa de solidariedade e de ternura***, como nos recorda o papa Francisco, no caminho de renovação da Igreja. A partilha das situações de sofrimento, injustiça e miséria, é a face concreta da misericórdia do coração no caminho da reconciliação. A proximidade aos pequenos e carenciados faz parte dos sinais mais percetíveis do Evangelho. Por isso, cada um de nós e

cada uma das nossas comunidades devem interrogar-se sobre o lugar que ocupam os pobres, os que sofrem e os abandonados – bons e maus – nas nossas preocupações e nas nossas prioridades. Da atenção que lhes damos poderá medir-se a verdade do nosso empenho na reconciliação da humanidade.

Do P. Dehon aprendemos que a proximidade aos que sofrem e aos explorados não se pode limitar à assistência direta que lhes podemos oferecer. É preciso ***ir às fontes dos males e das injustiças*** que provocam a miséria e a perda de dignidade das pessoas e das sociedades que destroem o planeta. Nisto exige-se um olhar misericordioso mas também competente, para identificar os mecanismo da miséria e da exploração, e os caminhos que podem conduzir à cura dos males que corrompem a sociedade.

Como pessoas empenhadas com o Evangelho, devemos ter a peito a ***reconciliação em campo religioso***. A coerente afirmação da própria fé e o empenho no seu anúncio não são incompatíveis com o respeito, o diálogo e a colaboração na transformação do mundo. Pelo contrário, a imposição do modo de crer o uso da violência em nome de Deus são contraditórios. Um Deus que precisasse de ser defendido ou imposto pela violência, não seria Deus, mas uma invenção humana.

Muitas vezes, a defesa da justiça e o caminho da reconciliação passa pela ***denúncia da injustiça, da opressão e da corrupção***. Não é possível uma reconciliação sem justiça e verdade, e a voz do Espírito resulta frequentemente incómoda e desestabilizadora em relação aos sistemas corrutos e totalitários. Muitas vezes as pessoas vítimas destes processos são manipuladas e coniventes com eles, opõem-se aos processos de libertação e de transformação. Em tais situações, o serviço da reconciliação exige um discernimento e um empenhamento muito particular, que pode chegar ao dom da própria vida. A história da Igreja e do mundo está marca pelo sangue de pessoas de todas as nações e fés que deram testemunho dando o seu contributo para a construção de um mundo mais justo.

Estes testemunhos deixam-nos a memória de uma ***recusa da violência e da guerra*** para ultrapassar as diferenças, as dissensões e os conflitos. A reconciliação pretende efetuar uma revolução e, não raramente, encontra-se sangue neste caminho. Não se trata, porém, do sangue dos inimigos, mas dos próprios servos da reconciliação. O dom da vida é o último e mais radical testemunho prestado ao amor de Deus que reconcilia a si uma humanidade ferida pelo pecado e pela violência.

A imagem da nova Jerusalém que encontramos no começo da nossa reflexão oferece-nos o ensejo para situar o testemunho até ao dom da vida no contexto da construção de uma sociedade reconciliada. É na história que se realiza o processo de reconciliação, mas a sua realização definitiva não pode ser alcançada enquanto o homem permanecer prisioneiro da limitação e da morte. Enxugar a última lágrima e a vitória definitiva sobre a injustiça, a corrução e a morte, não pertencem à história humana, mas são possíveis apenas na cidade definitiva que é dom de Deus. Para ela e por ela inspirados, convergem todos os esforços de construção da cidade humana reconciliada. Desde agora, têm nela cidadania aqueles que, como o seu Senhor, são *"mansos de coração" e "pacificadores" (cf. Mt 5,9; 11,29)*. Eles

"terão como herança a terra " nova e *"serão chamados filhos de Deus"* para sempre (cf. Mt 5,5.9).

Conclusão

Na solenidade do Coração de Jesus, somos convidados a contemplar a Cristo, o homem de coração novo, na integridade do ser humano, cheio do Espírito de Deus. Esta plenitude manifesta-se na mansidão e humildade de coração, que o torna aberto ao amor do Pai e cordial na relação com os outros, até dar a vida por eles. Do seu Coração trespassado na cruz, recebemos o dom do Espírito, que nos reconcilia com o Pai e entre nós.

Estamos conscientes dos nossos limites e sensíveis ao drama da miséria, da injustiça e dos atentados à dignidade das pessoas e à integridade da criação. Mas o Espírito guia-nos pelo caminho do coração, aprendendo de Jesus, para nos pormos ao serviço da reconciliação e colaborar na construção de um mundo novo, onde reine a justiça e a paz, segundo o projeto de Deus.

A todos os confrades e aos membros da família dehoniana apresentamos os nossos melhores votos para a celebração da festa do Coração de Jesus. Que ela possa consolidar a nossa reconciliação e a unidade, renovar a alegria do nosso serviço e alimentar a esperança na obra que o Espírito realiza no meio de nós.

P. José Ornelas Carvalho
Superior Geral SCJ
e o seu Conselho